

Barcellos

REGENERADOR

C. M. B.
BIBLIOTECA

2.º Anno

Barcellos, 14 de abril de 1898

N.º 64

BANCO DE BARCELLOS

AMIGO PANCRACIO:

Talvez se lembre de que fechava a sua carta para o *Comercio*—datada do passado primeiro de abril—com esta lèta:—

«O Evaristo de Quiraz, conductor da mala do correio de Barcellos a Roriz, e o José da Cunha, do Salvador do Campo, barbeiro distincto já reclamado na «Lagerima», inquietaram-se com a noticia, que o «Barcellos» deu hontem a respeito do Banco de Barcellos, e vão levantar de seus depositos. Adeus Banco! E adeus meus amigos, passem muito bem.»

Ora o dia primeiro de abril é proprio para estas pètas, bem o sabemos, amigo Pancracio. Não sabiamos, porém, amigo, que as pètas d'esse dia podiam envolver uma injusta satira á sincera campanha, que vimos fazendo contra a bem publicamente censurada conducta da maioria dos gerentes do Banco de Barcellos, conducta a que estes estão votados de alma e coração e que tanto está prejudicando a existencia do mesmo Banco.

Vimos, porisso, amigo Pancracio, appellar para o seu atilado criterio e para a honestidade do seu caracter a que, sem troça, fazemos justiça, e, em nome d'esses prejudicados, pedir-lhe que nos esclareça sobre o seguinte:—

Por que seria que os gerentes do Banco—munidos com as sabidas e então muito falladas proceuras—não consentiram na ultima proposta de um douto e serio accionista d'aquella casa de credito, que requeria o addiamento da discussão e votação do relatório, elegendo-se, primeiro, uma commissão de inquerito aos actos dos actuaes gerentes?...

Por que seria, amigo Pancracio?... sendo a indigitada commissão composta de homens de saber, seriedade e imparcialidade, como os srs. dr. Augusto Mattos, Gonçalo Alfredo Alves Pereira e José de Bessa?...

Terá o actual conselho fiscal, attentado, á risca, para o que lhe prescrevem os estatutos do Banco, ou terá, simplesmente, feito aos gerentes o favor de lhes propor a sabida gratificação, não curando de outra cousa... talvez por não estar para se incommodar ou indispor com o sr. Domingos Figueiredo?...

Terá o sr. dr. Ramos cuidado, a serio, das suas obri-

gações como gerente do Banco, ou terá, simplesmente,—contra a expressa prohibição dos estatutos—cuidado de receber os *cobres* e ir lá... somente para proteger certos progressistas?...

Sendo assim, para que dizia o sr. Domingos Figueiredo que queria fóra o sr. P.º Lima porque este não ia ao Banco?...

Estará em dia toda a **escripturação** do Banco, bem como o **livro das actas** das deliberações dos gerentes e de que fallam os mesmos estatutos?...

Que nos responda a estas perguntas o seu esclarecido e recto criterio e, depois, amigo Pancracio, não poderá dizer jamais, em ar de brincadeira:—«**Adeus Banco!**»

Sim, por certo, não lhe virão apetites de brincar com o fogo latente e convencem-nos, até, de que a sua durindana—a tal de que falla na sua carta—terá de sair da bainha e vir de novo para a lucta, afim de fazer entrar na ordem os seus amigos e correligionarios—Figueiredo e Ramos.

Adeus Banco!... terá o amigo Pancracio de dizer, mas muito a serio, e, então, talvez que o seu riso sarcástico de hontem se lhe gele nos labios?...

Olhe, amigo Pancracio, os outros Bancos—contemporaneos do de Barcellos, creados todos no mesmo periodo de 1873 a 1876—já lá vão... na sua maioria.

Pois não eram elles tão poucos, por que foram, então, creados uns 40, sendo 9 em Lisboa, 10 no Porto, 2 em Braga, 4 em Vianna do Castello etc. etc.

Pois attenda, amigo, a que ainda estão em pé os motivos, que deram com elles em terra, e que—pela imprensa e em muitas assembléas, realisadas no Porto—foram tão proclamados e divulgados no intento de se evitar a febre da criação de mais Bancos, febre proveniente—como deve saber—da terminação das guerras do Paraguay e da França, que vieram regularisar o mercado financeiro, tanto na Europa como na America, fazendo, de novo, deri-

var do Brazil para Portugal muito dinheiro.

Repetimos, amigo Pancracio, ainda estão de pé esses motivos, assim como ainda está e continuará a estar, de pé o principio geral de que um Banco de **especulação** difficilmente pôde viver n'um meio, onde quasi não ha industrias e onde a terra pouco dá para a exportação, sendo, porisso, fatal o desequilibrio da balança commercial e vindo, assim, o escasso numerario, obtido por uma produção cara e insufficiente, a ser absorvido pela *usura*, que mais agrava as condições economicas do meio.

E', portanto, necessaria muita prudencia—o que falta completamente aos gerentes—para que o Banco possa viver e não se veja obrigado a fazer execuções, ou a absorver as propriedades da orbita em que opéra, porque, quer uma quer outra coisa, produziria a sua ruina.

Mas... esta já vae longa, amigo Pancracio, e o espaço, hoje, não nos sobra.

Fechamo-nos, pois, por aqui, rogando-lhe a fineza de nos dizer—com a mão na sua consciencia de homem sério e de jornalista, que o é, antigo e de valor—se, em publico, se pode, seriamente, asseverar que o Banco de Barcellos não está eivado do mais faccioso e rancoroso *partidarismo* e de uns processos de nepotismo escandaloso, que põe em sobresalto os accionistas, nomeadamente ao verem que o preço das suas acções de cada vez é mais *alto*, não sendo necessario andar com ellas a rogar de porta em porta quem, por ventura, queira vender meia duzia das ditas.

E mais lhe pedimos que nos diga se aquelles, que tem o seu dinheiro depositado no Banco de Barcellos, podem dormir a somno solto, certos de que, no dia seguinte, não lhes acontecerá como a uma velha—creada de uma nossa patrão, nos tempos de estudante—que tinha todo o seu *dinheirinho* n'um d'esses bancos, que foram a terra, e que, n'uma bella manhã, o viu n'um *canno dentro*.

Que desillusão e que an-

gustioso despertar o da já tropega e alquebrada velha!...

Ella, que tanto nos fallava, com certo orgulho de capitalista, no seu *rico dinheirinho* e que nos dizia estava izenta da caritativa enxerga de um hospital, lá foi morrer, desgostosa e abandonada, ao da Misericordia, poucos mezes depois de se ver sem o producto das suas parcas economias e suadas canceiras de tantos annos de trabalho e amargura... sem a modesta e consoladora recompensa de tantos sacrificios n'uma larga e laboriosa vida!...

Sim, amigo Pancracio, digam-nos se não temos razão para gritar aos srs. accionistas e depositantes do Banco de Barcellos:—cautella, amigos, que o dinheiro é sangue.

EM TERÇA FEIRA GORDA

Foi ha tres annos. Quando entrei no baile de D. Maria, o relógio marcava as duas da madrugada.

Na sala reinava uma animação desusada e um calor asfixiante. Pelos camarotes debruçavam-se rostos pallidos, de olhos negros e scintillantes, cabellos empoados e collos nus, d'uma brancura de jaspe.

Agitavam-se leques de todos os matizes, e por vezes uma bisnaga imprudente não hesitava em perpassar rapido o seu esguicho muito fino e certo, sobre aquellas mimosas camadas de *cold cream*.

Aborrecia-me pyramidalmente. No salão passejavam uns dominós graves e sisudos, fallando a meia voz, e indifferentes a tudo quanto os rodeava. Meia duzia de velhos *leões gottosos* e pintados, arrastavam-se a custo na esteira elegante d'uma esplendida rapariga vestida de pagem, e que, orgulhosa, patenteava sob as finuras sedosas da pantolona as bellezas irresistiveis da plastica.

Saltitava alegre, com as suas botinas de setim branco e tacão dourado, e com o *stick* de marfim fustigava as mãos atrevidas dos bisnagadores.

Pierrots suspeitos formavam bichas que serpenteavam por entre os espectadores; ouviam-se gritos penetrantes e gargalhadas escandalosas; uma duzia de hespanholas, vestidas de *bébés*, espalhavam na sala uma vozearia infernal, e fazia-se amor por todos os cantos. Turcas recamadas de lantejoulas, sedas e gazes desbotadas, escutavam os protestos d'um feiticheiro de grandes barbas de estopa; floristas elegantes e franzinas diziam segre-

dos a gallegos de grandes corrinhos e faces cor de tijolo; varias de enormes saias de burel e arrecadas monstruosas nas orelhas, fallavam ao ouvido de generaes de opera-comica, apoplecticos sob a mascara de papelão envernizado.

As mais bem dotadas da natureza, ou se exhibiam vestidas de pagens, ou se permitiam o traje leve de pescadores napolitanos.

Pela sala perpassava de vez em quando um mixto aroma de cognac e Porto, agua de colonia e genebra. Tudo aquillo era imundo e estúpido.

Ao fundo, engastado entre folhagem, bicos de gaz, e jogos de agua, o vulto colossal do Gaspar, regente da orchestra, fitava a multidão com o seu rosto muito redondo e nédio, especie de idolo chinês d'algum pagode de San-The-Chon.

Sentia-me enfastiado no meio d'aquella loucura de musica, vinho e mulheres, quando dei de frente com um velho amigo que passeiava na sala taciturno e melancolico, emquanto os mascarados se desconjuntavam nas marcas cynocephalas d'um caucan vertiginoso.

—Olá, como tens passado?
—Bem, e tu?
—Menos mal, estou aborrecido d'esta borracheira!
—Sempre o mesmo!
—E' certo; os bailes de mascarados tendem a acabar.

—Não digo tanto. E' mais facil acabar uma procissão do que um baile d'estes. O deus Momo hade ter sempre devotos.

—D'esta qualidade que vês.
—E' verdade: mas atraz d'elles veem os admiradores d'ellas, e o resultado é quasi não caber um alfinete na sala.

—Uma pergunta: Tu não estas vas fóra de Lisboa?

—No Porto, cheguei hoje.
—Porque não passaste lá o carnaval?

—Amanhã devo apresentar-me no ministerio.

—Para que?
—Conveniencias minhas e do serviço.

—Bem, sendo conveniencia tua, já não digo nada.

—E na verdade, meu caro Alfredo, antes eu tivesse passado o carnaval no Porto.

—Porque? aconteceu-te alguma desgraça?

—Desgraça positivamente não, mas recebi uma d'aquellas impressões que não se esquecem facilmente.

—Ah! Causa seria?

—Eu te digo. Vamos ceiar e á mesa te contarei tudo.

—Queres sahir do baile.

—Não Agrada-me este ruido tolo que me desentorpece o espirito de lugubres pensamentos.

—Tu está a jogar o entrudo comigo.

—Não estou. Fallo serio.

—Então, vamos.
Occupámos uma mesa no botequim do terrasso, e mandámos vir peito de Perú, salame, *omelette* e Champagne.

Na mesa fronteira á nossa, tres rapazes occupavam-se em embriagar uma formosa rapariga de desoito annos, a quem os vapores do alcool descobriam os labios d'um bello vermello rubi, deixando a descoberto duas preciosas fileiras de dentes brancos e

...ha tres an-
no Gynasio,
r do panno, veio
a cadeira desoccu-
eu lado direito, uma
a rara belleza, elegan-
vestida, cujos olhos ne-
a doce expressao me-
ne impreseionaram de
a ho.

o spectaculo não ces-
mirar a alvura setinosa
os braços, o vermelho dos
labios, os seus luxuriantes
bellos pretos, a proeminencia
do seu collo, e todo aquelle *tie*
delicioso, seductor, verdadeiramente
raro, a que davam realce
os seus sorrisos d'uma infantilidade
adoravel.

—Estás lyricico até á medula dos
ossos!...

—Escuta. Trocámos algumas
palavras, ao principio timidamente;
depois, com mais confiança,
estabelece nos conversação, e á
saida pedi-lhe licença para a
acompanhar. Concedida ella, met-
temo-nos n'um trem e acompa-
nhei-a a casa, onde fui magnifi-
camente recebido.

Clorinda era uma mulher en-
cantadora. Em plena primavera
da vida, dotada de extraordinaria
belleza, poucas tenho visto que
a igualassem n'aquelle fresca e
sã-lia mocidade que se lhe dese-
nhava nas rosas avelludadas do
rosto e no setinoso perola da epi-
derme.

Além da formosa, possuia uma
illustração apreciavel.

A sua historia era a de todas.
Um amante perjurou, fuga da casa
paterna, um anjo salvador in-
carnado na pessoa d'um brasileiro
rico, depois uns amores faceis,
etc., etc.

—E tu...
—Eu mereci-lhe a sua sym-
pathia, e durante dois mezes fui o
homem mais feliz do mundo in-
teiro.

O brasileiro era pacato. Reco-
lhiu ás dez da noite, e não tinha
zelos.

—Uma perola.
—Exacto. Uma manbã recebi
ordem de partir para o Porto.
Metti empenhos, pedi, suppliquei
requeri, mas o ministro foi inflexi-
vel. Era mister partir.

—E Clorinda?
—Chorou abraçada a mim, deu-
me uma trança dos seus cabellos
negros, jurou-me fidelidade
eterna, acompanhou-me á *gare*,
e de dentro do wagon vi-a derramar
lagrimas sinceras.

—Porque não a levaste?
—Impossivel. Com quinze tos-
tões por dia não se faz vida com
uma mulher que não usava senão
meias de seda e aneis de bril-
hantes. Seria conquistar o seu
odio, fazer a sua infelicidade.

Entabolámos, porém, uma cor-
respondencia activa.

Ha um anno, mandou-me dizer
que estava muito doente, que
queria ver-me.

Pedi licença e vim a Lisboa.
Encontrei-a muito mudada. Ha-
via quinze mezes que não nos
fallavamos. Eminagrecera, apaga-
ra-se-lhe a luz do olhar animado
e vivido, perdera o rosado das
faces, e tossia a espaços, com
uma tosseinha secca, impertinente,
teimosa, que a suffocava.
Estava tísica.

Acabada a licença voltei para o
Porto, e mezes depois mandava-
me dizer que estava melhor. As
suas cartas, porém, eram menos
extensas, e a letra, tremula e ir-
regular, indicava a fadiga da mão
que a desenhara. Ha oito dias
recebi uma carta, em que me dizia:
«Vem que estou peor.»

O acaso quiz que fosse chama-
do a Lisboa, e annunciei-lhe a
minha vinda para depois do car-
naval.

...uma
...sua
...e sabendo que devia
hoje estar na capital, não a pre-
veni.

Ao meio dia, correctamente
enfarpellado, barbeado e escova-
do, sahi de casa e dirigi-me para
a habitação de Clorinda. Já mu-
nido de duas bellas bisnagas
francezas e de uma caixa com
uma aranha de arame.

Subi a escada rapidamente, e
no terceiro andar admiron-me
não encontrar o cordão da cam-
painha.

Bati com os nós dos dedos.
Pouco depois, a porta abriu-se
devagarinho, e a creada, a mes-
ma, com os olhos inchados de
chorar, disse-me apenas:
—Veio tarde, sr. Gustavo.
—Porque?

—A menina está ali; e apontou-
me para o fundo da sala forrada
de negro com bordaduras de ou-
ro e prata, scintillantes pelo re-
flexo da luz d'uns tocheiros mui-
to altos e amarellos.

Entre sem consciencia de mim
proprio. Sentia na cabeça um
zumbido, como me se tivessem
dado n'ella uma enorme panca-
da.

Avancei até ao meio da sala
armada em camara ardente. Dentro
do caixão ainda aberto, estava o
o cadaver de Clorinda, muito li-
vida e emmagrecida, com os olhos
excessivamente encovados, os la-
bios violaceos e as mãos cruzadas
sobre o seio.

Foi com uma dor indifinivel
que bejei aquelle rosto onde o
frio da morte pozera a insensibi-
lidade do marmore.

Estive muito tempo contem-
plando os tristes vestigios d'aquel-
la esplendida formosura extin-
cta.

—Quando morreu? perguntei á
creada, que me olhava compun-
gida.

—Hoje, ás cinco da manhã.
Foi uma tísica galopante. Chamou
pelo sr., e pediu-me que,
quando a amortilhasse, lhe collo-
cosse o seu retrato no seio.

—Leva-o para a cova? pergun-
tei com um certo temor pueril.

—Sim senhor. Ella era muito
sua amiga.

—A's seis da tarde, em trem fe-
chado, acompanhei ao cemiterio
o cadaver de Clorinda. Fui o uni-
co. Pobre pequena!...

Inconscientemente, senti que
as lagrimas me aljofravam nas
palpebras.

Gustavo estava preso d'uma
grande commoção, e não comia.

Um *salsa*, que nos viu tristes,
brandiu a luneta de folha e pe-
diu-nos um copo de cognac.—
Offerecemos-lhe a garrafa. Em-
bebedon-se.

A este tempo, a rapariga da
mesa fronteira, já completamen-
te ebria, cantava uma coisa ob-
scena e réles, e no salão espira-
vam, entre um berrreiro indeci-
fravel, os ultimos accordes d'uma
walsa de Strauss. E eis aqui co-
mo passei a noite de terça-feira
gorda de 1883, noite que jamais
poderei esquecer, pelo tocante
da aventura que venho de con-
tar e que impressionou profun-
damente.

ALFREDO GALLIS.

Festa de Cruzes

Têm sido inuteis todos os
esforços por nós empregados,
vãs todas as tentativas e es-
cusados todos os appellos,
para que se realice a festa de
Cruzes n'esta villa.

Exposemos, quanto nos cou-
be em forças, todas as vanta-
gens, todos os lucros mate-
riales e todas as consequencias
moraes que incidem sobre um

povo que é visitado por cente-
nares de forasteiros.

Estarão exgotadas as forças
de vontade, a iniciativa e im-
pulso nobre que sempre cou-
be aos filhos de Barcellos?

Não o sabemos. As illa-
ções tiradas a este abandono
e indolencia a que votados os
habitantes d'esta villa, são
simplesmente tristes.

Tristes porque importam
decadencia desoladora, um
quebranto physico, resultado
incontestado d'um esgotamen-
to moral. A vida dos povos é
activa e laboriosa; todos os
meios, em que a industria e
o commercio sejam factores
importantes de movimento,
resaltam energicos e viris.

Trabalha-se, vive-se na
agitação mysteriosamente in-
cessante que alenta as indivi-
dualidades e que avulta as
populações.

Se é bem verdade que ou-
tr'ora houve em Barcellos ex-
posições industriaes, feiras
com premios importantes á
melhor estampa de cavallo, á
mais galharda junta de bois,
deveremos dormir á sombra
d'esse renome que attrahia
a Barcellos enorme concor-
rencia, ou continuar com vi-
gor e sem descanço a obra
que os outros nos legaram?

Repetimos, é triste tudo isto.
Este anno a festa de Cru-
zes limitar-se-ha dentro do
templo!

E uma festa que tanto bri-
lho e esplendor ostentou em
annos idos, morre miseravel-
mente!...

Fallecimentos

Falleceram, na freguezia de Bar-
cellinhos, a sr.^a Anna de Jesus
Ferreira, sogra do sr. Agostinho
de Souza, d'esta villa; e a sr.^a
Narcisa da Conceição, tia dos
srs. João Lopes dos Santos e Jo-
sé Antonio de Paula, da mesma
freguezia.

Nossos pezames.

Borborinho

Segundo informações que re-
cebemos, houve na passada sex-
ta-feira e no logar da Adega na
freguezia de S. Pedro de Fresca-
inha, grande borborinho entre os
moradores d'aquelle local. Não
faltaram gritos á d'el-rei, cabeças
abertas etc. etc.

—Foi dada parte ao poder ju-
dicial.

Delivrance

Teve-a no passado domingo
dando á luz uma robusta creança
do sexo feminino, a esposa do
commerciante snr. Jozé Luiz
Pinto.

A esposa do sr. Francisco José
de Souza, teve, tambem, a sua de-
livrance na passada sexta-feira,
dando á luz um menino.

Semana Santa

Como de costume, em annos
anteriores, realizaram-se as so-
lemnidades religiosas da Semana
Santa.

Todos os templos ornamenta-
dos a capricho; luzes e flores,
symbolos de claridade e perfume,
a exhalarem-se da religião christã.

Quinta-feira, effectou-se a tra-
dicional procissão do «Eccle-
Homo» illuminada com milhares
de fogaréus que imprimia a nota

phantastica das coisas sobrena-
turalmente grandes.

Ao recolher a procissão, subiu
ao pulpito o revd.^o p.^o Roriz, de
Guimarães, que pela primeira vez
era ouvido n'esta villa. S. ex.^a
que é um verdadeiro artista da
palavra, produziu um formoso
e eloquentissimo discurso, que
prende a attenção do distincto
e selecto auditorio que o escuta-
va. Sem rendilhados de phrase,
sem atavio de palavras, n'uma
linguagem de eloquencia arreba-
tadora, s. ex.^a salientou os soffri-
mentos do martyr do Golgotha e
a dôr incomparavel da Virgem
Santissima, tendo, n'esta occa-
sião, imagens verdadeiramente
sublimes.

Ha muito que se não ouvia em
Barcellos um sermão como o de
s. ex.^a, o que é para felicitar a
digna meza da Santa e Real Casa
da Misericordia, pela sua feliz es-
colha.

—Na quinta-feira e sexta-feira
houve, tambem, officio de trevas
no templo do Bom Jesus da Cruz
e n'este ultimo o sermão da «So-
ledade», que foi confiado ao
revd.^o abbade d'Outiz, do conce-
lho de Famalicão, que já tinha
pregado todos os sermões qua-
resimaes.

Pena foi que s. ex.^a, que tem
dotes oratorios, como já aqui o
dissemos, não correspondesse á
espectativa. O assumpto é bas-
tante difficil, bem o sabemos, mas
com mais um pouco de cuidado,
s. ex.^a conservaria o agrado que
despertaram os seus primeiros
sermões.

Fabrica Ceramica

A fabrica ceramica, de que é
proprietario o sr. Antonio Gomes
da Cunha Guimarães, tem uma
avultada encomenda de louça
para diversas casas da capital, a
qual estará em antes na exposi-
ção industrial, que alli se realisa
por occasião das festas do «Cen-
tenario da India».

Bombeiros Voluntarios

Esta tão sympathica como util
Associação tem recebido, mais,
para o custeamento das despezas
a fazer com a construcção do no-
vo edificio para quartel, os se-
guintes donativos:

Transporte	63:400
Viscondessa de Santo An- tonio de Vessadas	20:000
José Luiz de Miranda	1:000
José Vieira Velloso	1:000
Manoel Neiva	500
Antonio Fernandes Corrêa	1:000
Manoel C. d'Albuquerque	500
Domingos José de Faria	500
José Joaquim da Silva	500
Domingos J. de Miranda	500
João Vallongo	1:000
Somma	89:100

Cautella!

Fomos os primeiros a de-
nunciar á auctoridade que era
necessario tomar providencias
contra o facto, verdadeira-
mente criminoso, que ultima-
mente se deu n'este concelho,
em que foram espalhadas
muitas cedulas falsas de 100
reis.

E ainda continuamos a pe-
dir á auctoridade que trate de
providenciar, para que os *ver-
dadeiros criminosos* sejam en-
contrados, não perdendo tem-
po em se prestar a receber in-
formações de *falsos e ingra-
tos* amigos, que, procurando
sacudir a agua do capote, in-
dicam nomes sem que sobre
elles possa cabir a mais le-

ve suspeita, e, talvez, com o
fim de desorientar a pista dos
criminosos.

Tudo isto vem a proposito
do procedimento havido com
o nosso honrado e dedicadis-
simo amigo o sr. abbade de
Negreiros, que foi, segundo
nos informam, chamado, de-
baixo de prisão, á administra-
ção, para prestar informa-
ções!...

Debaixo de prisão!...

Ha um anno, quando este
virtuoso sacerdote estava sa-
cramentado e unguido, tendo
feito já as suas disposições em
que deixava muitas esmolos
aos pobres da freguezia, fo-
ram a casa d'elle para o obri-
gar, na hora ultima, a prati-
car uma traição, a que aquel-
le nosso amigo soube respon-
der com a dignidade, que o
caracterisa, e com o desassom-
bro de quem — esperando
apresentar-se perante o tribu-
nal divino—em nada se im-
portava com o *canibalismo*
progressista, que, por merrê
baocococa, nos governa.

Resistiu aquelle nosso mui-
to presado amigo á terrivel do-
ença.

Ficou de pé a lembrança
do feio acto, que, então, prati-
caram.

O nosso amigo abbade de
Negreiros causa-lhes remorsos!...

Pois bem:—venha agora,
debaixo de prisão, prestar in-
formações á administração!...

Cautella e muita cautella,
senhores *cirurgiões falsos*:
olhem que um dia podem pa-
gal-as.

E ainda bem que já es-
tamos informados que a casa
da Moeda já incumbiu policia
da sua confiança para desco-
brir os verdadeiros crimino-
sos; pois consta que as inves-
tigações da auctoridade teem
andado muito *fôra dos eixos*.

Senhor administrador: Nós
queremos fazer-lhe justiça;
mas devemos recomendar-
lhe que se não deixe levar por
falsas informações e que des-
confie de alguns que—até por
dever—lhes cumpria ser mais
solicitos.

Por ora apenas recomen-
damos cautella.

E vão soffrendo, com paci-
encia, as conquistas politicas,
que o nosso honradissimo e
valioso amigo, nobilissimo
presidente da camara munici-
pal, ex.^{mo} sr dr. José de Cas-
tro Figueiredo de Faria, vae
fazendo n'aquellas assem-
bléas.

Doe-lhes?
Ao povo fazem-se favores,
não se lhes lança impostos.

P. S. Esquecia-nos dizer que o
nosso respeitavel amigo, sr. ab-
bade de Negreiros, voltou para á
sua parochia, poucos momentos
depois de o sr. administrador ter
conversado um poucoquinho com
sua rv.^{ma}... talvez respeito aos
cirurgiões falsos e perigos, que

...a sociedade das suas ma-
...de, não só para *desviar a a-*
...do capote, mas, até, como
...política.
...Charlatões em tudo:—na cirur-
...na política!...

Bandeira

A Associação dos Empregados
Comercio de Barcellos fez
...d'uma bandeira de
...azul e branca, bordada a
...
...nos ser de bom gosto
...trabalhada.

Reclamação

Consta-nos que o sr. admi-
...do concelho recla-
...perante o ex.^{mo} sr. dr.
...de Directo d'esta comar-
...contestando o facto de sa-
...lêr e escrever a bastantes
...tores, inscriptos com este
...fundamento nos recensea-
...mentos dos annos anteriores
...sto para que elles venham
...perante o sr. Juiz escrever e
...signar o que em prova do
...facto contestado lhes for orde-
...ado.

Mais nos consta que a essa
...reclamação não foi junto do-
...mento algum, provando
...que esses eleitores estão in-
...scriptos nos recenseamentos
...anteriores pelo facto de saber
...e escrever, sem o que a
...reclamação não pode ser
...endida—como é corrente
...direito—por que:—*Actori*
...*atambit onus probandi*, ou
...*Probare oportet, nec suffi-*
...*dicere*.

Mas, alem d'isso, a recla-
...mação é gratuita e infun-
...lada.

1.º Porque as commissões
...do recenseamento os não es-
...creveriam se elles não sou-
...bessem ler e escrever.

2.º Porque é positiva a de-
...terminação da lei, que diz:—

«A inscripção por saber ler e
...escrever **será mantida**, sem
...novo requerimento, nos recen-
...seamentos revistos, ou organisa-
...dos nos annos seguintes» (§ 1.º
...do art.º 32.º da lei eleitoral).

Logo:—a phrase **será
...mantida** quer, a nosso ver,
...dizer que, contra estas in-
...scripções, não pode haver re-
...clamação.

Confiamos no meretissimo
...Juiz; mas pedimos licença pa-
...ra observar que nem deviam
...ser intimados (os dos annos
...anteriores) para comparecer
...ao tribunal.

Aos que não vierem—se
...ventura não **for man-**
...da a inscripção—aconse-
...lhes-emos o recurso, pois
...a lei não admite duvidas a
...este respeito.

Alem d'isso os recensea-
...mentos dos annos anteriores
...transitaram em julgado e
...tambem já lá vai o respectivo
...dia 1 de abril—«praso para as
...reclamações apresentadas ao
...Juiz de Direito». (Vid. «Qua-
...dos prazos para as recla-
...mações de recenseamento
...electoral ao qual se refere o
...art.º 37.º da presente lei»).

Novamente transcrevemos
...a disposição do § 1.º do art.
...da lei eleitoral:—

«A inscripção por saber ler
...e escrever **será mantida**,
...sem novo requerimento, nos
...recenseamentos revistos ou or-
...ganizados nos annos seguintes».

Roubo

O sr. Joaquim José Carvalho,
da freguezia de Lijó, fez queixa
às autoridades administrativas
de que lhe faltava uma carteira
que continha, além d'uma nota
de 20:000 reis, duas letras de
20:000 e uma outra de 8:000 reis,
e ainda um titulo de confissão de
divida no valor de 10:000 reis.

Anda desenfreada a gatuna-
gem e apesar dos esforços (isto é
da folha da cadeia) do sr. admi-
nistrador, que tem suado a ex-
topinha no encaço dos larapios,
nada tem podido conseguir que
lhes diga respeito á prisao.

Mas, andam á solta sem consi-
deração ás bandeirinhas que lhe
deita o «Comercio».

Em Ballugães

Acompanhados de suas ex.^{mas}
familias, estiveram em Ballugães,
os nossos respeitaveis amigos—
srs. Conselheiro José Novaes
e dr. João Novaes, director politico
d'este semanario.

Na Silva

Pede-nos um nosso amigo e
assignante, da freguezia da Sil-
va, para que digamos que os
«Bernardinos» e a «Bacella» se
portaram bem na recepção do
parochio no domingo de Paschoa,
se bem que esta ultima foi por
aquelles instigada a que sómen-
te desse 20 reis ao parochio, o
que cumpriu.

Porém, sob segredo, disse ao
homem encarregado da arrecada-
ção do dinheir:—«Ahi vai
mais um tostão, mas v. não diga
nada».

Conclusão.
Bernardinos dos Bernardinos,
que não pegaram nem pegam.

Missas

Suffragando a alma do nosso
correligionario sr. Commendador
Gomes Graça, ha dias fallecido
na Povoia de Varzim, rezaram-se
bastantes missas na capella da
quinta do Bemfeito, nos dias de
segunda e terça-feira. Foram to-
das muito concorridas.

Para rir

O sr. Domingos Figueiredo de-
pois de metter no Banco o sr.
dr. José Ramos e de o metter em
muitas envencilhadas baixas, gosta
immoenso de o gabar pelos açou-
gues, pelas sapatarias, pelos bar-
beiros... e como isto é pouco,
tem prazer—«porque os fins jus-
tificam os meios»—de o apre-
sentar em letra redonda nos
jornaes republicanos, elle que é
monarchico de «antes torcer que
quebrar».

Leia-se na *Voz Publica* de terça-
feira:

Barcellos, 11, ás 6 h. da t.—descoberta
do material de fabrico de cedulas falsas
causou aqui optima impressão. E' muito
louvado o administrador d'este concelho
sr. dr. Vieira Ramos, pelos excellentes re-
sultados das diligencias que por sua ini-
ciativa foram executadas pela policia d'ahi
com o amanuense Machado, d'esta villa—
(a) Domingos Figueiredo.

Em que se parece o Figueiredo
com um sapateiro?

Em dar graixa...
Por exemplo, ao dr. José Ra-
mos...

Vem o mesmo telegramma no
«Primeiro de Janeiro», mas com
nota de ser do seu correspon-
dente.

E' engraçado!
Sabiamos que o sr. Luiz Feraaz
era correspondente *in nomine* do
«Janeiro», mas não sabiamos
que... nem *in nomine*.

Musica

Diz-se que na tarde o proxi-
mo domingo, 17 do cor en a, to-
ca, no jardim publico, a nossa
villa, a excellente banda Barcel-
lense, devido a subscripção que
sara tal fim se fizera.

Oxalá que assim seja, porque
teremos occasião de passar uma
tarde sem a semsaboria peculiar

Enfermos

Encontra-se enferma, n'esta
villa, o nosso patricio Domingos
Duarte, commerciante na praça
do Porto.

—Tambem tem guardado o lei-
to, a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Velloso
esposa do nosso bom amigo e cor-
religionario sr. Francisco Vieira
Velloso.

Furto

Do seu finado irmão José Dias
da Costa Gomes, possuia 23 *cou-*
pons Thereza Dias, viuva, d'Ab-
bade do Neiva.

Pedira ella, ha tempos, que
sua filha Maria, esposa de João
José da Silva, os guardasse.

Morren esta sem os restituir.
O marido da fallecida negou-os
com evasivas á sua sogra.

Perante a autoridade adminis-
trativa negou tambem possuir taes
papeis.

Ignora-se, pois, ase os vendeu

Legado

A Meza da Santa Casa da Mi-
sericordia, segundo o instituido
em um legado, distribue, por es-
tes dias, a quantia de 125000 rs.
aos pobres da freguezia de S.
Pedro de Villa Frescainha.

Recenseamento

Depois de terem transitado em
juizo todas as reclamações res-
peitantes ao recenseamento elei-
toral é que nós, obedecendo ao
promettido aqui, diremos do fac-
ciosismo progressista repintado
e requintado, praticado pela ma-
ioria da commissão encarregada
de tal serviço.

E' por exemplo da gente rir a
bom rir aquella d'ella, de, por
intermedio do sr. administrador
do concelho, conseguir do don-
to Juiz de Direito a presença de
alguns parochos, afim de justifi-
carem perante elle que sabem
ler e escrever!...

Que ardor ultra-politico os apo-
quenta para sacrificarem o sr.
dr. Fernandes Braga á pratica
d'uma ridicula prova!...

Esta é uma das notas mais
agudas e desafinadas que tem
dado a commissão e que só não
ferirá os timpanos ao rijo Figuei-
redo e manos *couçoeiras* na con-
fraria de *finos*.

Esperem por outras, quejan-
das.

Anniversario

A banda de muzica dos Bom-
beiros Voluntarios commemora,
no dia 20, o 15.º anniversario da
sua fundação.

De manhã assiste a uma missa
rezada no templo do Bom Jesus
da Cruz, pela alma dos sens col-
legas fallecidos, e ás 6 horas da
tarde faz-se ouvir na casa d'en-
saio, á rua Direita, que estará
engalanada e exposta ao publico
durante o dia.

A frontaria do edificio será em-
bandeirada, e á noute brilhante-
mente illuminada.

A banda vae n'esse dia cum-
primentar a corporação a que
pertence.

Felicitemol-a na pessoa do seu
digno director e dilecto amigo
João Vallongo.

NOTAS DIVERSAS

Em gozo de ferias tem estado
n'esta villa, o nosso bom amigo
Augusto Cunha, segundanista
de theologia.

—Tambem se acha a goso de
ferias, na sua casa e quinta de
Santa Eulalia de Rio Govo, o nos-
so amigo sr. Theotonio José da
Fonseca, muito digno terceiranista
de direito e filho do nosso amigo
e valente correligionario Antonio
José da Fonseca.

—Tem estado no o Porto sr.
Francisco Fillipe de Souza da Sil-
va Alcoforado, da nobre casa da
Silva.

—De visita a sua ex.^{ma} familia
veio aqui o sr. commendador Joa-
quim Paes.

—Esteve no Porto o nosso ami-
go sr. José Gonçalves da Silva,
administrador do nosso collega
local «A Folha da Manhã.»

—Vieram a esta villa os nossos
amigos-Antonio Mello, nosso col-
lega da «Estrella do Minho» e di-
gno escrivão de direito, em Villa
Nova de Famalicão, e o nosso cor-
religionario revd.º Alberto Pinto
Basto, abade de Louzado.

—Faz amanhã annos o sr. Pla-
cido Lamella, habil pharmaceu-
tico.

Parabens.

—Afim de se restabelecer dos
incommodos tem estado na fre-
guezia d'Abbade do Neiva, o com-
merciante sr. Domingos José Al-
ves.

—Falleceu, no hospital d'esta
villa, a esposa do artista calleador
Clemente de Macedo.

—Uma junta de bois abatida
por conta do sr. Manoel de Car-
valho, por occasião da Paschoa,
pesou 1:351 kilos.

—Tem estado no Porto, acom-
panhado de sua familia, o sr. de-
legado d'esta comarca, dr. Ma-
nuel Nunes da Silva.

—Conforme já noticiamos che-
ga, por estes dias, a esta villa, o
sr. Antonio Augusto Fernandes,
comerciante no Rio de Janeiro,
filho do nosso amigo e digno ve-
reador municipal, o sr. João Joa-
quim Fernandes.

—O sr. P.º Domingos José de
Sonza de S. Viceute d'Areias
mandou dar no dia de Paschoa
400 reis a cada um prezo na ca-
deia d'esta villa.

—Chamamos a atenção para o
annuncio que com a epigraphe
de «Arrematação» inserimos na
secção respectiva.

Dialogo politico

Da «Tarde»:

—Homem, quer que lhe diga
tudo? Eu não sou progressista
porque para ahi me levem as mi-
nhas tendencias nem as minhas
tradições de familia. Sou pro-
gressista porque o unico grande
estadista que ha em Portugal é
o José Luciano...

—Eu lhe digo, o José Luciano...

—Não me diga nada.

E' grande em tudo esse ho-
mem.

Um dia pensou em restaurar
concelhos. Veja lá você, se res-
taurou meia duzia d'elles.

Cincoenta e um, meio cento e
mais um, d'uma assentada!

Isto, meu amigo, é grande!

N'outro dia lembrou-se de fazer
uma *fornada*.

Os regeneradores estiveram lá
quatro annos e fizeram oito pares
do reino.

Veja que ridicularia!
O José Luciano não esteve com
meias medidas—vinte e quatro
pares d'uma feita, a casa dos vin-
te e quatro, e isto sendo a lei do
João Franco, imagine que era
d'elle!

Grande em tudo, só elle é
grande.
Não ha nada qua ao seu bafo
creador não engrandeça.
Othe a divida fluctuante.

Em onze mezes, apenas o
tempo necessario para uma ju-
menta dar á luz, cresceu **6:395**
contos.

No mesmo curto lapso de tem-
po, o debito do thesouro ao Ban-
co cresceu **9:218** contos, a cir-
culação fiduciaria **7:391** contos!

E a vender titulos?
Que ministro conhece v. que a
vender titulos se possa pôr ao
lado d'elle?

D'uma vez **4:207** contos, de
outra **967:500** libras.

Depois, é um homem incansa-
vel.

Ontro qualquer, em seguida a
tudo isto, ficaria estafado, sem
poder tomar respiração.

Elle sim—ficou tão bom, tão
são e escoreito, que poz no pre-
go **72:718** obrigações do Norte
e Leste...

Aqui tem por que eu sou pro-
gressista. Porque o José Luciano
é o unico grande homem que
nós temos.»

ANNUNCIOS

**Arrematação de
moveis**

No dia 1 do proximo mez
de maio, pelas 9 horas da
manhã, na casa que foi da
finada exm.^a D. Anna Si-
mões, sita na rua direita,
d'esta vila—tem de se pro-
ceder á arrematação de to-
dos os moveis e roupas,
pertencentes ao extinto
hospital da Real Irmandade
do Senhor Bom Jesus da
Cruz, d'esta villa, em virtude
auctorisação concedida á
Mesa Administrativa pelo
exm.^o sr. Governador Civil
do Districto; e para que che-
gue ao conhecimento de to-
dos os interessados, mandei
publicar o presente annuncio.

Barcellos, 8 d'abril de
1898.

O provedor,
Eduardo da Silva Salazar.

Pergunta

O inquilino da casa de
dous andares, nova, sita na
rua Faria Barbosa, com
mobilia ou sem mobilia, se-
gundo annuncio publicado
no ultimo «Comercio de
Barcellos», deseja saber que
numero e qualidade de mo-
bilia é essa que póde ser
alugada a novo inquilino.

PECHINCHA

Compram-se na typogra-
phia BARCELLENS aves
e mamiferos, vivos ou mor-
tos, estando em bom esta-
do de conservação:

Texugo	400 réis
Gato bravo	200 »
Lontra	500 »
Raposa	100 »
Tourão	200 »
Bufo	300 »
Boa-noite	100 »
Falcão	100 »
Milhafre	100 »
Garça	300 »
Corvo marinho	800 »

“BARGELLOS”

REGENERADOR

Assignatura

Anno 1\$200 réis
Semestre 600 »
Trimestre 300 »
Avulso 40 »
Para fóra de Barcellos accresce o
importe das estampilhas.

Publicações

Corpo do jornal 40 réis
Secção de annuncios 30 »
Repetições 20 »
Annuncios annuaes, ajuste especial
Os srs. assignatés têm o abatimen-
to de 25 por cento.

EDITOR RESPONSÁVEL

JOAQUIM LOPES

Publica-se ás quintas-feiras

N'esta bem montada officina imprimem-se, com nitidez e promptidão, relatorios e estatutos de bancos e companhias, todos os modelos para repartições publicas, juntas de parochia e irmandades, circulars, facturas, talões, bilhetes de visita, etc., etc.

PREÇOS A COMPETIR COM AS PRINCIPAES CASAS DO PAIZ

RUA BARJONA DE FREITAS, (PROXIMO AO CAFÉ MATTOS)

LOJA DO POVO

FRANCISCO MACHADO CARMONA
LARGO DA PORTA NOBRE (CALÇADA)—BARCELLOS

Completo sortido de todas as fazendas de lã, seda e algodão, além de uma grande quantidade de miudezas e d'um variadissimo sortido de bordados e rendas.
Encarrega-se de mandar vir qualquer encomenda das principaes casas de modas do Porto e Braga
Coroas funerarias, bouquets e seus aprestes

AGENCIA da Companhia de Seguros **A Urbana** Portuguesa, do Porto.

ESTABLECIMENTO DE FAZENDAS

MATERIAS

40—Largo da Porta Nobre—44

BARCELLOS

Esta casa tem uma colleção distinctamente apurada dos tres melhores typos de fazendas nacionaes e estrangeiras, no rigor da moda para todas as Estações.

O seu atelier, montado com todo o primor, tendo um pessoal habilitado, dirigido pelo sr. José Moreira da Silva Baião, que foi con-mestre da reputada Casa *Keil*, de Lisboa, está á altura de satisfazer rigorosamente os ultimos figurinos.

Recommendamos uma visita ao estabelecimento e officina, que lhe fornecem a maior parte da villa e concelho, visto a correcção dos seus trabalhos e economia nos preços.

Cereaes

BARCELLOS

Rua de Trás das Freiras

Domingos Ferreira Barbosa compra todas as quintas-feiras, pelos melhores preços do mercado, pequenas ou grandes quantidades de legumes seccos e cereaes, como—milho, centeio, pão—para a importante casa portuense Victorino Coñabra.

MERCEARIA OLIVEIRA

Campo da Feira

N'este bem sortido estabelecimento encontra-se á venda, *alem do que lhe diz respeito*:

Uma variedade de papel e objectos de escriptorio; bolacha fiada das primeiras fabricas portuguezas; todas as *marcas* da acreditada Companhia Vinicola, desde o *rascante* vinho verde até o fino *de agulha*; um grande deposito de conservas, como—pato com ervilha, febre estofada com ervilhas, coelho com ervilhas, coelho mendo; azeitonas; um sortido de sapatos de ouréio etc. etc.

PHARMACIA MODERNA

Delfino Pereira Esteves

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto

Nella se encontra á venda especialidades pharmaceuticas, productos chimicos, mamadeiras, fundas, algalias, agua mineral medicinal, nacionaes e estrangeiras, etc.

A preparação dos medicamentos, é a mais escrupulosa, pois feita pelo proprio proprietario.

33 e 35, Rua Direita—Barcellos

Livraria e encadernação

JULIO JOAQUIM BARRETO
CAMPO DA FEIRA

Grande sortimento de livros religiosos, Escolares e de Direito, missaes, breviarios, officios votivos, ultimas edições, sacras para altares, estampas, papel de todas as qualidades, tinta de escrever, por junto e a retalho, aparos, canetas, tinta de marcar roupa, livros em branco e outros objectos de escriptorio, etc. etc.

Conhecimentos para a cobrança da derrama parochial, ordens de pagamento para juntas de parochia e confrarias, livros para o recenseamento das creanças em idade escolar.

Imprimem-se com brevidade bilhetes de visita.

Encaderna com segurança e perfeição toda e qualquer encadernação tanto ordinária como de luxo, porque tem uma longa pratica da arte, com a maior brevidade e barateza.

Recebe assignaturas e encomendas de livros tanto nacionaes como estrangeiros.

Compra e vende livros usados.

Encontram-se todos os livros adoptados nas escolas.

Encarrega-se de encomendas de carimbos de borracha.

—Espera continuar a merecer a protecção dos seus illustres amigos e freguezes, a quem continuará a servir com toda a pontualidade e barateza.

NOVA CONFETARIA E PASTELARIA CONFIANÇA

MANUEL JOAQUIM DUARTE SALVAÇÃO

Com dous annos de existencia, unicamente, já conta esta casa uma numerosa freguezia não só n'esta villa como tambem em Lisboa, Porto, Braga, Vianna, etc.—para onde exporta, a miude, a especial **laranja de doce de Barcellos**; magnifico pão de ló a rivalisar com o de Margaride; pasteis de massa e carne, e outras especiaes variedades.

A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza.

Satisfazem-se encomendas na volta do correio, sendo acompanhadas da respectiva importancia; peça-se, para isso, a tabella dos preços.

Esta casa não manda vender doce nas romarias.

Junto á pastelaria e confeitaria ha fabrica de **Café flôr**, especial, premiado na Exposição Agricola e Pecuaria de 1889.

Eis os seus preços, com desconto para revender:

Café Alimentar pacotes de 250 e 125 grammas—Kilo	720	reís
Café flôr 1. ^a	100 e 50	» 420 »
Café flôr 2. ^a	» e »	» 360 »
Café flôr 3. ^a	» e »	» 200 »

N'esta casa compram-se, vendem-se e trocam-se **sellos do correio, servidos, antigos e modernos.**

VARRINOS D'AVERO
Ohegaram, de 1.^a, 2.^a e 3.^a qualidades
ao estabelecimento de João Mathias
à rua Barjona de Freitas.
Preços convidativos.